



X Jornada Mundial dos Pobres

O Senhor é o refúgio
do pobre (Sl 14, 6)

08 a 15 de novembro de 2026



Comissão Episcopal
para a Ação
Sociotransformadora



SUMÁRIO

Clique nos temas abaixo para
acessar o seu conteúdo



EDITORIAL	03
APRESENTAÇÃO.....	05
IDENTIDADE VISUAL.....	07
 MENSAGEM DO PAPA LEÃO XIV	 11
O Senhor é o refúgio do pobre (cf. Sl 14, 6)	
 UMA JORNADA COM TRÊS DIMENSÕES.....	 16
 VAMOS APROFUNDAR SABERES E TRANSFORMAR O MUNDO?	 17
ARTIGO 1 Romper a invisibilidade: uma missão profética e transformadora: <i>Irmã Eliane Santana</i>	
	17
ARTIGO 2 A escuta qualificada aos pobres:	
<i>Pe. Alfredo Gonçalves</i>	21
ARTIGO 3 Campanha da fraternidade 2026: Refúgio aos pobres na garantia de seus direitos por moradia:	
	23
<i>Frei Marcelo Toyansk Guimarães</i>	
ARTIGO 4 Minha comunidade eclesial transforma o mundo - Da solidariedade à transformação:.....	
	26
<i>Pe. Edson Thomassim</i>	
 OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES	 28
ENCONTRO COM OS POBRES	34
SUGESTÕES DE GESTOS CONCRETOS	35
AÇÕES DAS PASTORAIS SOCIAIS, REDES E COLETIVOS	
SOCIOTRANSFORMADORES	38
COMUNICAR A JMP	40

EDITORIAL

A Jornada Mundial dos Pobres foi instituída pelo Papa Francisco em 2016, ao final do Ano Santo da Misericórdia, como um convite à Igreja e à sociedade para reconhecer a dignidade dos pobres, aproximar-se deles e combater a indiferença e a exclusão. Celebrada anualmente no 33º Domingo do Tempo Comum, sua primeira edição ocorreu em 2017 e, desde então, reúne comunidades em momentos de oração, partilha, solidariedade e ações concretas em favor das pessoas vulneráveis, inspirando-se no ensinamento de Jesus e na ideia de que os pobres não devem ser apenas destinatários de ajuda, mas protagonistas da vida social e eclesial.

“O Senhor é o refúgio do pobre”

Esta afirmação bíblica conduz a X Jornada Mundial dos Pobres (JMP), que se traduz essencialmente em um convite pastoral para fazer de nossas comunidades espaços de acolhida, escuta e transformação.

No Brasil, apesar dos avanços recentes, segundo dados do IBGE de 2025, a pobreza monetária atinge 25,1% da população, o que significa 53,4 milhões de pessoas vivendo em extrema pobreza. Esses números revelam apenas parte da realidade. A pobreza também aparece na falta de moradia adequada, no desemprego e no trabalho precário, na dificuldade de acesso à saúde, à educação, à documentação, à internet e à proteção social. Ela se agrava com o racismo, o machismo, a discriminação contra migrantes, povos indígenas, quilombolas, pessoas com deficiência, população em situação de rua e pessoas privadas de liberdade. Há ainda a pobreza afetiva e comunitária, marcada pela solidão, pela invisibilidade e pela ausência de vínculos e de participação nas decisões que afetam a própria vida.



25,1%
da população
o que significa
53,4 milhões
de pessoas

Nossas paróquias e comunidades, por vocação, são referências em acolhimento e escuta. Não por acaso as pessoas empobrecidas recorrem a estes espaços, muitas vezes como um último grito de socorro. Acolher é garantir cuidado e proteção; escutar é falar com as pessoas e não apenas sobre elas; transformar é defender direitos, fortalecer organizações populares, apoiar políticas públicas, promover trabalho digno, moradia, segurança alimentar, economia solidária e cuidado com a Casa Comum.

Que cada comunidade possa perguntar, junto com as pessoas empobrecidas: o que precisa mudar em nosso território e o que podemos transformar juntos? Uma mesa compartilhada, uma roda de escuta, um mutirão de direitos, uma visita, uma rede de apoio ou a participação em conselhos e espaços de decisão podem abrir caminhos concretos.

**Ser refúgio para os pobres é tornar a fé presença,
compromisso e esperança; é caminhar com quem sofre
até que ninguém seja invisível, descartado ou privado
da dignidade humana.**

Inspirado pelos 800 anos da morte de São Francisco de Assis, o Papa Leão XIV afirma ao final da mensagem para esta Jornada: “Queremos testemunhar que é possível, também hoje, experimentar a mesma alegria ao colocar-se no lugar dos pobres e ao ouvi-los, em vez de apenas falar sobre eles. Quem tem Deus como refúgio é livre para fazer escolhas proféticas, que testemunham como tudo pode ser repensado a partir de baixo, na humildade e na fraternidade que, por si sós, curam um mundo ferido pela prepotência”.





APRESENTAÇÃO

A proposta para a X Jornada Mundial dos Pobres (JMP) é mobilizar a Igreja no Brasil para que esta não seja apenas um período de ações pontuais, mas um verdadeiro processo de conversão, escuta, encontro, solidariedade e transformação.

Partimos da mensagem do Papa Leão XIV, que nos recorda que a Igreja é chamada a ser pobre e refúgio para os pobres. Isso nos desafia a superar uma compreensão exclusivamente assistencial da Jornada e reconhecer as pessoas empobrecidas como sujeitos da vida e da missão da Igreja, portadoras de saberes, experiências, esperança e capacidade de transformação.

A PROPOSTA QUE AQUI APRESENTAMOS ESTÁ ORGANIZADA EM TRÊS GRANDES MOVIMENTOS:



ACOLHER,

a Igreja como
refúgio.



ESCUTAR,

os pobres como
sujeitos.



TRANSFORMAR,

da solidariedade
à justiça.

A JMP deve fortalecer a organização comunitária, a defesa de direitos, a participação, a incidência em políticas públicas, a economia solidária, o direito à moradia, o trabalho digno, a segurança alimentar e o cuidado com a Casa Comum.

OS MATERIAIS APRESENTADOS NESTE SUBSÍDIO TRADUZEM ESTE COMPROMISSO, A PARTIR DE REALIDADES BEM CONCRETAS E QUE DESAFIAM A NOSSA MISSÃO:

- pessoas sem moradia,
- população em situação de rua,
- crianças e juventudes negligenciadas,
- migrantes,
- refugiados,
- trabalhadoras e trabalhadores precarizados,
- acesso à saúde,
- direitos para pessoas com deficiência,
- terra e territórios ameaçados,
- pessoas privadas de liberdade,
- entre outras realidades.



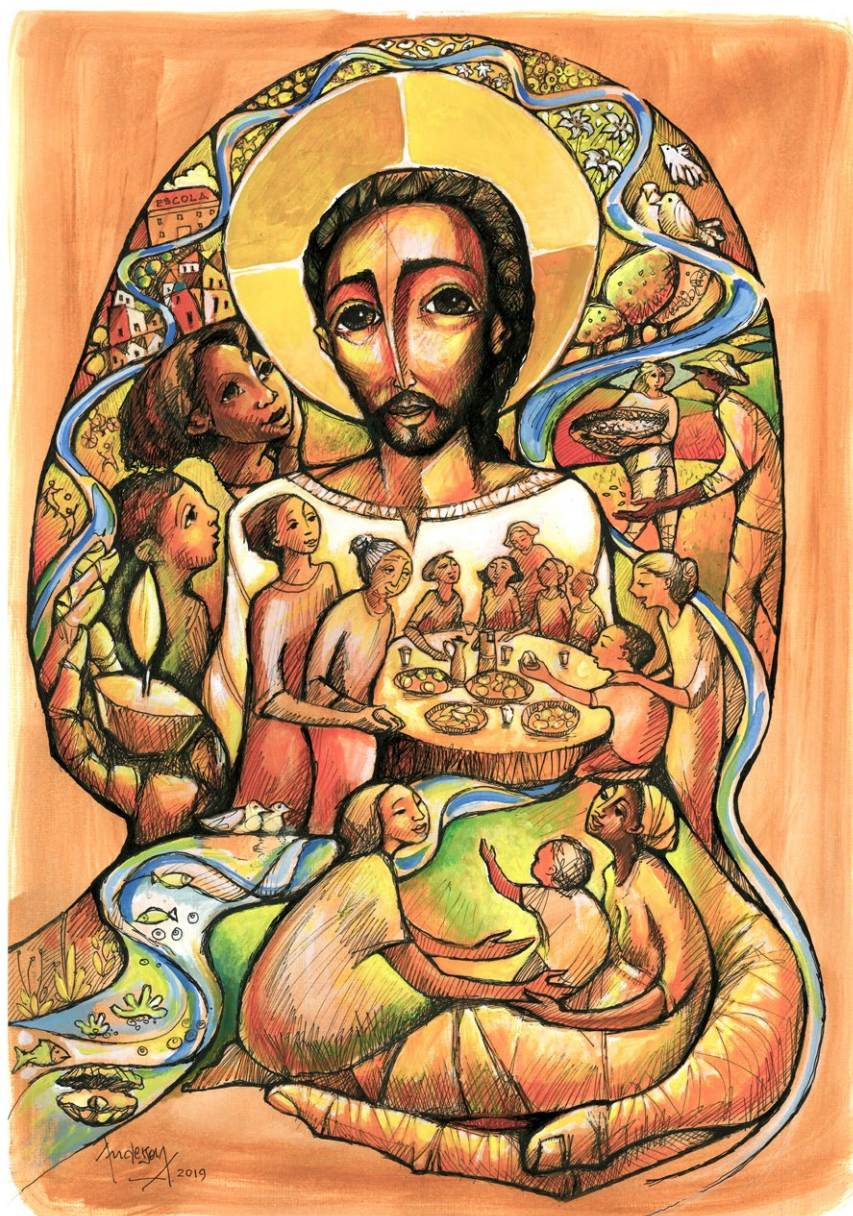
A Jornada contará ainda com uma live nacional sobre pobreza, moradia, comunidade, direitos e transformação, fazendo também a ponte com a Campanha da Fraternidade 2026, que nos levou a refletir sobre o tema “Fraternidade e Moradia”.

Venha para a X Jornada Mundial dos Pobres com sua comunidade eclesial para transformar o mundo!



IDENTIDADE VISUAL

A identidade visual da X Jornada Mundial dos Pobres nasce da imagem de um Cristo próximo, acolhedor e profundamente unido à vida dos pobres. A ilustração de Anderson Augusto Pereira apresenta Jesus no centro, envolvido por pessoas, comunidades, crianças, trabalhadores, famílias, envolve também a natureza, revelando a dimensão da justiça socioambiental, além de paisagens do cotidiano. Não é um Cristo distante da realidade: é o Cristo que caminha com o povo, participa de sua vida e se torna refúgio, presença e esperança.



O tema “Deus é o refúgio dos pobres” encontra na obra uma tradução visual sensível e vigorosa. O refúgio não aparece como um lugar de fuga ou isolamento, mas como uma presença que protege, reúne, alimenta e devolve dignidade. Em torno de Jesus, a vida se organiza como uma grande comunidade, marcada pela partilha, pela solidariedade e pelo cuidado.

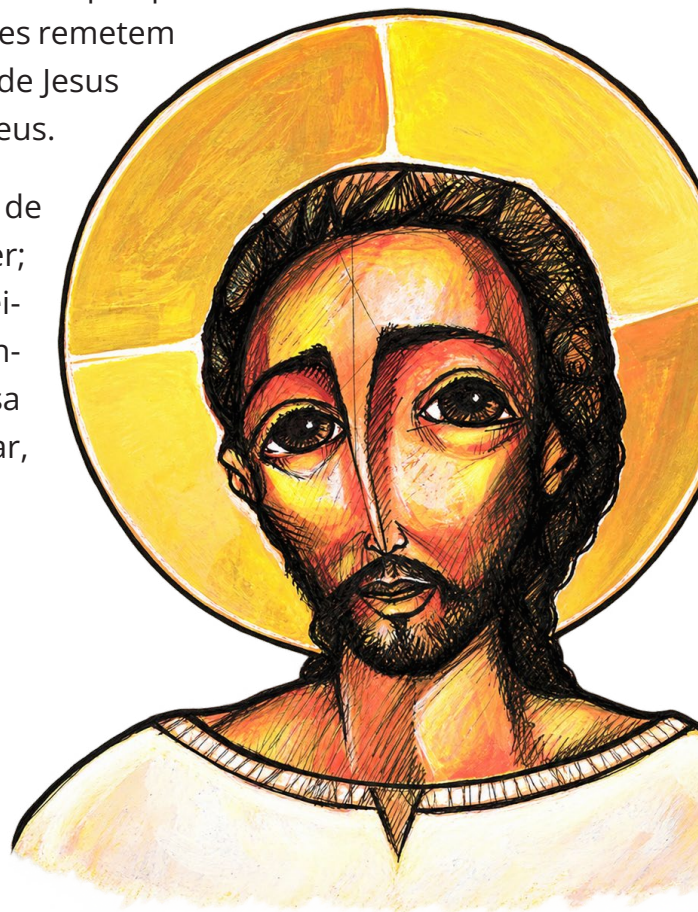
A X Jornada Mundial dos Pobres encontra, nessa obra, uma imagem de fé encarnada: Deus é refúgio dos pobres quando a comunidade se torna casa, a mesa se torna partilha e a esperança se transforma em compromisso com a vida.

Dimensão bíblica

A imagem dialoga diretamente com a tradição bíblica que apresenta Deus como defensor dos pobres, dos pequenos e dos vulneráveis. O Salmo afirma: “O Senhor é refúgio para o oprimido, refúgio em tempos de angústia” (Sl 9,10). Essa proteção divina se manifesta na história por meio da justiça, da compaixão e da solidariedade.

Jesus aparece como o rosto concreto desse Deus-refúgio. Seu olhar frontal e acolhedor comunica proximidade e misericórdia. O pão partilhado, a mesa comunitária e a presença dos pobres remetem à multiplicação dos pães, à ceia, às refeições de Jesus com os excluídos e ao anúncio do Reino de Deus.

A composição também recorda o Evangelho de Mateus: “Eu tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era estrangeiro, e me acolhestes” (Mt 25,35). A fé representada na obra não é abstrata. Ela se expressa em gestos concretos: alimentar, acolher, cuidar, educar, proteger e promover a vida.





Dimensão eclesial e social

A ilustração apresenta a Igreja como uma comunidade que se reúne ao redor de Cristo e se coloca a serviço dos pobres. A mesa, localizada no centro da composição, simboliza uma pastoral baseada na comunhão, na escuta e na partilha.

A diversidade de idades, rostos e condições sociais reforça que a Jornada Mundial dos Pobres convoca toda a comunidade eclesial a uma conversão pastoral: não basta falar pelos pobres; é necessário caminhar com eles, escutá-los e reconhecer sua dignidade.

A obra revela que a pobreza não deve ser compreendida apenas como carência material, mas como uma realidade que envolve desigualdades, exclusões e negação de direitos. Ao mesmo tempo, evita representar os pobres de maneira passiva ou estigmatizada. Eles aparecem inseridos em relações, famílias, comunidades e processos de transformação.

A presença da escola, das casas, dos trabalhadores, da agricultura, da água e da mesa aponta para direitos fundamentais: educação, moradia, alimentação, trabalho digno, cuidado com a criação e convivência comunitária.

Assim, a imagem não apenas consola; ela também provoca. Se Deus é refúgio dos pobres, a sociedade e a Igreja são chamadas a construir espaços de proteção, justiça e participação. O refúgio divino se torna responsabilidade humana: ninguém pode permanecer indiferente diante da fome, da violência, do abandono e da exclusão.





Iconografia da vida

As cores terrosas — laranja, ocre, marrom e vermelho — evocam a terra, o trabalho, a resistência e a vida popular. O azul introduz uma sensação de frescor, esperança e movimento. O verde sugere fertilidade, cuidado com a criação e possibilidade de renovação.

A variedade de cenas reunidas em torno de Cristo constrói uma verdadeira iconografia da vida: crianças, idosos, famílias, animais, alimentos, casas, escola, trabalho e natureza. A imagem comunica que a salvação não está separada da vida concreta. Deus se revela no cuidado com as pessoas e na defesa da Casa Comum.



O artista: Anderson Augusto Pereira

Missionário, artista plástico, ilustrador e teólogo, Anderson Augusto desenvolveu uma produção marcada pela união entre fé, cultura popular e compromisso social. Sua trajetória artística está ligada à formação popular, aos movimentos sociais, à arte sacra e às Comunidades Eclesiais de Base. Participou da criação de painéis para encontros de formação popular e, em 1990, integrou o MARCA — Movimento de Artistas da Caminhada. Também participou de intercâmbios de arte e cultura na Itália, onde estudou técnicas de afresco no Instituto Italiano de Arte, Artesanato e Restauração de Roma. Atualmente vive no Assentamento Dênis Gonçalves, em Minas Gerais.

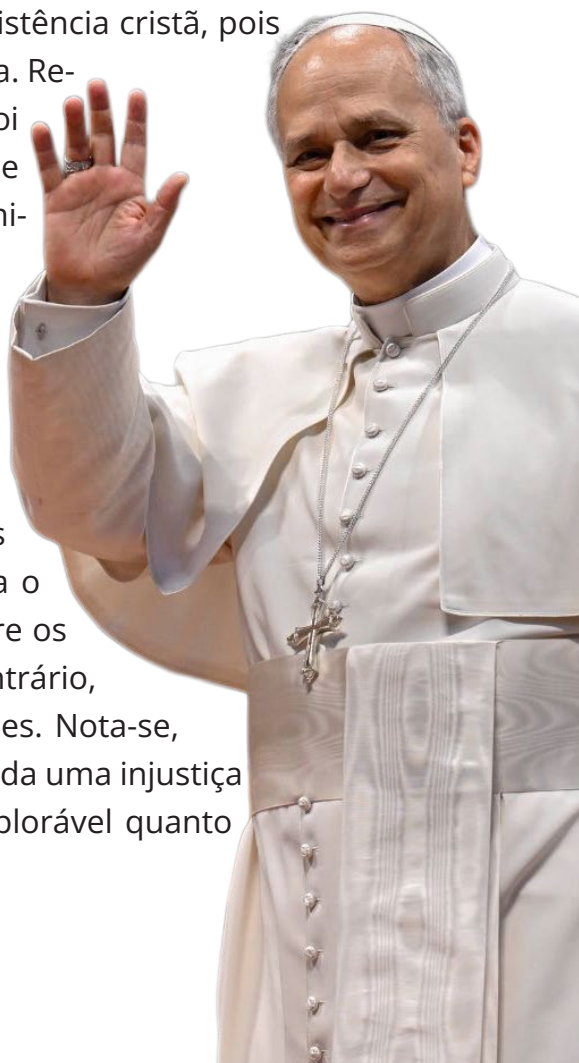
Mensagem do Papa Leão, X Jornada Mundial dos Pobres

XXXIII Domingo do Tempo Comum, 15 de novembro de 2026

O Senhor é o refúgio do pobre (cf. Sl 14, 6)

- 1** O Senhor é o refúgio do pobre (cf. Sl 14, 6). As palavras do salmista sugerem o caminho que somos chamados a percorrer na perspectiva do X Dia Mundial dos Pobres. Mais uma vez, é necessário recorrer à Palavra de Deus para compreender a importância que os pobres têm na vida da Igreja. A expressão do Salmo torna-se critério de avaliação para avaliar a existência cristã, pois revela o rosto de Deus e reconhece a pobreza humana. Realmente, num momento histórico dramático como foi a destruição do templo de Jerusalém, o povo sentiu-se privado da presença de Deus e experimentou uma miséria material e moral sem precedentes.

De geração em geração, esta Palavra revela-se em toda a sua atualidade. Desde o início, ela mostra a contradição na qual ainda hoje se cai frequentemente. Com efeito, a primeira constatação é esta: “O insensato diz em seu coração: ‘Não há Deus!’. Corruptas e abomináveis são as suas ações; não há quem faça o bem” (Sl 14, 1). Ela põe em evidência o contraste entre os que se comportam com sabedoria e os que, pelo contrário, levam a vida como se não houvesse nada acima deles. Nota-se, infelizmente, como também nos nossos dias é difundida uma injustiça social que brota duma corrupção arrogante, tão deplorável quanto



discriminatória. A perda do sentido de transcendência na vida quotidiana já não é tanto uma negação teórica da existência de Deus; antes, manifesta-se em não considerar a sua bondade e misericórdia na construção da justiça pessoal e social.

Os primeiros a sofrer as consequências são os pobres, cujo número, não por acaso, está a aumentar em muitas sociedades. A ausência de Deus faz com que as pessoas já não se coloquem umas ao lado das outras, num clima de respeito mútuo, mas sim umas acima das outras, num clima de domínio e opressão. Assim, é exibida uma lógica mundana de abuso de poder e descarte, que marginaliza e humilha. Nesta condição encontram-se não só pessoas individualmente, mas populações inteiras. As palavras do Salmo ressoam ainda cheias de verdade: “Devoram o meu povo, como quem come pão” (Sl 14, 4).

- 2 O clamor dos pobres por justiça é hoje abafado por múltiplas técnicas, cada vez mais dissimuladas, a ponto de silenciar todos os seus esforços para fazer ouvir as suas reivindicações. O ambiente digital radicaliza o preconceito contra eles e aumenta a cortina de indiferença que envolve as suas causas. Ao pobre não resta senão clamar por Deus (cf. Sl 34,7) e fazer chegar até Ele o seu lamento, com a certeza de ser ouvido, porque Deus é fiel e rico em misericórdia. Os oprimidos, humilhados e indefesos crescem também hoje na certeza de que devem entregar-se a Deus, cheios de confiança e expectativa. Nesta entrega total, renasce o sentido da própria dignidade, reconhecem-se irmãos e irmãos com quem organizar os próprios sonhos, a esperança torna-se silenciosamente realidade. Refugiar-se em Deus equivale a encontrar a proteção verdadeira e segura, aquela que os poderosos não podem garantir e preferem negar.

O pobre, porém, sabe reconhecer melhor do que os outros o essencial, porque vive do essencial. Semelhante a Cristo mais do que qualquer outro, reconhece Deus como seu refúgio, mesmo quando as circunstâncias parecem contradizê-lo, e está cheio de esperança na justiça divina, que não tardará a manifestar-se. Na noite do abandono e da solidão, o pobre “habita sob a proteção do Altíssimo” (cf. Sl 91, 1). Todos os que estão aflitos, os que sofrem injustiça e são ofendidos, os que estão no sofrimento e na dor, os que estão sozinhos e sem sentido para a vida podem encontrar consolo e nova motivação junto do Senhor.

- 3** Ser refúgio não é apenas uma promessa, mas torna-se realidade na pessoa de Jesus Cristo. Deus vem habitar entre nós com a encarnação do Filho, que torna concreto e visível o refúgio esperado. Jesus Cristo é verdadeiramente o refúgio de Deus para os pobres. Pela sua obediência ao Pai, Ele desce até ao ponto mais baixo, onde se encontram os últimos. Ele vai ao encontro de todos e oferece a cada um um refúgio seguro: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos” (Mt 11, 28). Em Jesus, Deus não só protege, mas partilha a pobreza humana até à cruz.

Os pobres dos nossos dias são os esquecidos e os marginalizados: privados de uma palavra e de um rosto, e não só do pão. Que eles possam encontrar o Filho de Deus, que se faz próximo de todos sem deixar ninguém de lado. Que o encontrem, antes de mais, naqueles que se dizem cristãos. Na Igreja, seu Corpo, é Jesus quem oferece pão e amizade; traz luz e um horizonte de esperança; pronuncia o nome de cada um e devolve a todos a dignidade. Jesus de Nazaré é o dom de Deus aos pobres. N’Ele, todas as promessas tornam-se realidade. Para todos aqueles que carecem de casa, trabalho, instrução, alimento e saúde, abre-se um novo caminho: a partilha como expressão do Reino de Deus (cf. Mt 5, 3). À obsessão daqueles que acumulam riquezas apenas para si opõe-se a obstinação de Deus que, no testemunho de pessoas de carne e osso, abre o coração e acolhe no seu amor.

- 4** Em Cristo, portanto, também nós somos chamados a tornarmo-nos pobres e a sermos refúgio para os pobres. A comunidade cristã não pode permanecer insensível perante tantos que hoje se encontram à porta e permanecem invisíveis para aqueles que estão fechados entre as suas próprias paredes. A Igreja, pela sua própria natureza, é chamada a ser pobre e refúgio para os pobres. Não esqueçamos o comentário de Santo Agostinho à parábola do homem rico e do pobre Lázaro: “Calou o nome do rico e disse o nome do pobre. O nome do rico andava de boca em boca, mas Deus calou-o; o nome do pobre passava em silêncio, mas Deus revelou-no-lo. [...] Tu, que escolherias? Ser pobre como Lázaro ou ser rico como o outro? Não te deixes enganar! Escuta qual foi o fim e repara na má escolha” (Sermo 33A, 4).

Como recordei na Exortação Apostólica *Dilexi te*, “Deus mostra predileção pelos pobres: a eles primeiramente se dirige a palavra de esperança e libertação do Senhor e por isso ninguém, apesar da condição de pobreza ou fraqueza, deve sentir-se abandonado. E a Igreja, se deseja ser de Cristo, deve ser Igreja 

das Bem-aventuranças, Igreja que dá vez aos pequeninos e caminha pobre com os pobres, lugar onde os pobres têm um espaço privilegiado” (n.º 21). 🖐️

Surgem inevitavelmente algumas perguntas que, neste X Dia Mundial dos Pobres, precisamos urgentemente de fazer ressoar na nossa mente e no nosso coração. Somos sinal de um Deus que é refúgio para os pobres? Temos consciência da nossa pobreza e preferimo-la à riqueza injusta? Chegamos onde se encontram os pobres, experimentando a sua marginalidade? Ouvimos os seus pensamentos e partilhamos as suas expectativas? Pronunciamos os seus nomes com ternura divina? A nossa caridade reaviva e sustenta neles o desejo de justiça e redenção? Estas e muitas outras questões obrigam-nos a um sério exame de consciência, para verificar o quanto ainda somos chamados a ser em favor dos pobres e da sua libertação. Então veremos que os pobres se tornam, eles próprios, refúgio para os outros. A experiência da pobreza faz-nos particularmente sensíveis a uma solidariedade renovada perante os desafios.

O amor de Cristo torna-nos, na verdade, participantes da vida de amor de Deus. Neste sentido, os cristãos são chamados não só a procurar refúgio em Deus, mas também a tornar-se, em Deus, um refúgio para os outros, sem “fazer distinção entre quem assiste e quem é assistido, entre quem parece dar e quem parece receber, entre quem aparece pobre e quem sente que oferece tempo, competências, ajuda. Somos a Igreja do Senhor, uma Igreja de pobres, todos preciosos, todos sujeitos, cada um portador de uma Palavra singular de Deus. Cada um é um dom para os outros” (Homilia, 17 de agosto de 2025). 🖐️

- 5 O oitavo centenário da morte de São Francisco de Assis convida-nos a recordar como, ao chegar a Roma em peregrinação ao túmulo do apóstolo Pedro, ele se compadeceu dos mendigos. Para compreender e experimentar o seu sofrimento, tirou as próprias vestes e trocou-as pelas roupas esfarrapadas de um deles, sentando-se a pedir esmola e passando o dia inteiro no meio dos pobres com alegria de espírito (cf. Fontes Franciscanas, 1405-1406). Queremos testemunhar que é possível, também hoje, experimentar a mesma alegria ao colocar-se no lugar dos pobres e ao ouvi-los, em vez de apenas falar sobre eles. Quem tem Deus como refúgio é livre para fazer escolhas proféticas, que testemunham como tudo pode ser repensado a partir de baixo, na humildade e na fraternidade que, por si sós, curam um mundo ferido pela prepotência.

Confio que este X Dia Mundial dos Pobres possa constituir uma etapa significativa na redescoberta do rosto de tantos irmãos e irmãs que procuram refúgio em Deus e desejam sentir-se em casa nas nossas comunidades. Mantenhamos viva a obediência à Palavra de Deus, que nos convida à conversão do coração. Possa a Virgem Maria, que na carne crucificada do Filho contemplou o amor de Deus que enche de bens os famintos e despede os ricos de mãos vazias (cf. Lc 1, 53), interceder por nós.

Vaticano, 13 de junho de 2026, memória de Santo Antônio de Lisboa.

UMA JORNADA COM TRÊS DIMENSÕES



ACOLHER, a Igreja como refúgio

Fazer de nossas comunidades espaços de acolhida, cuidado e proteção: alimentação, saúde, documentação, moradia, escuta, convivência e enfrentamento da solidão.



ESCUTAR, os pobres como sujeitos

Não falar sobre os pobres sem falar com os pobres. Criar espaços de escuta, participação e protagonismo, reconhecendo suas experiências, saberes, necessidades e esperanças.



TRANSFORMAR, da caridade à justiça

Ir além das respostas imediatas, fortalecendo direitos, organização comunitária, participação, incidência em políticas públicas, trabalho digno, moradia, segurança alimentar, economia solidária, defesa dos territórios e cuidado da Casa Comum.

A mudança de perspectiva também está na pergunta que podemos fazer. Superar a clássica pergunta “O que vamos fazer pelos pobres?” e caminhar rumo a novos questionamentos capazes de mover antigas estruturas, como “O que devemos transformar para que ninguém precise viver na pobreza e na exclusão?”.



VAMOS APROFUNDAR SABERES E TRANSFORMAR O MUNDO?

Oferecemos a seguir uma sequência de artigos que foram preparados para ajudar comunidades eclesiais, pastorais, grupos e parceiros, a aprofundarem o tema da X Jornada Mundial dos Pobres: “O Senhor é o refúgio do pobre” (Sl 14,6). Cada texto aborda uma dimensão da pobreza e do compromisso cristão, iluminando a realidade brasileira e os desafios presentes em nossos territórios.

Mais do que oferecer respostas prontas, os artigos convidam à escuta, à reflexão e ao diálogo com as pessoas empobrecidas. Falam sobre a dignidade, a moradia, a população em situação de rua, a infância, o trabalho, a saúde, os territórios e outras realidades marcadas pela exclusão, sempre reconhecendo os pobres como sujeitos de direitos, saberes e transformação.

Sugerimos que a leitura, preferencialmente, seja feita em comunidade, em grupo, relacionando cada reflexão às nossas experiências concretas. Que esta sequência nos ajude a passar da assistência à solidariedade, da escuta à participação e da caridade à transformação, fazendo de cada comunidade um espaço de acolhida, justiça e esperança.



ARTIGO 1

Romper a invisibilidade: uma missão profética e transformadora



Irmã Eliane Santana*

Quem são os pobres que estão à nossa porta e que ainda não conseguimos enxergar? Podemos conhecer os horários das celebrações e desconhecer quem passa fome ao lado da igreja. Podemos ocupar os mesmos bancos durante anos sem perceber a solidão de alguém. A invisibilidade cresce quando nos acostumamos à presença do outro sem nos interessar por sua vida. Rompê-la exige atenção, tempo e disponibilidade para um encontro que pode mudar nossas prioridades.

Na mensagem para o X Dia Mundial dos Pobres, Leão XIV apresenta uma exigência para a comunidade cristã: expressar, em suas relações, o amparo que os pobres encontram em Deus. Isso envolve sustento, vínculos e participação (Leão XIV, 2026, nn. 3-4). Quem chega às nossas comunidades encontra liberdade para contar sua história? Pode pedir ajuda sem constrangimento? Sua palavra tem importância?

O bom samaritano oferece um critério para discernir nossa resposta (cf. Bíblia, 2018, Lc 10,25-37). Ao encontrar um homem ferido, permite que aquela vida interrompa seu caminho e assume o cuidado necessário. A pergunta evangélica alcança nossas rotinas: estamos disponíveis quando o sofrimento de alguém desorganiza nossos planos?

A missão nasce do amor do Pai, manifesta-se na vida e na entrega de Jesus e continua a nos convocar pela ação do Espírito Santo. Participar dessa missão, a *Missio Dei*, significa aprender com Jesus a proximidade que enfrenta a rejeição: escutar quem foi desacreditado, reconhecer a dignidade negada e estabelecer comunhão com quem foi afastado. O encontro com essas pessoas também nos evangeliza e revela o quanto precisamos de conversão.



Uma Igreja em saída é profética quando acolhe quem não encontra acolhida e ama quem experimenta o abandono. Sua presença anuncia que nenhuma pessoa pode ser reduzida à pobreza, ao estigma ou às feridas de sua história. Essa profecia requer coragem para enfrentar injustiças e humildade para reconhecer o sofrimento provocado por nossas próprias atitudes. Quem foi julgado, silenciado ou desconsiderado dentro da comunidade precisa encontrar escuta e disposição concreta para reparar relações.

“A conversão pastoral missionária significa colocar toda ação habitual das comunidades em chave missionária dando prioridade aos vulneráveis e às periferias existenciais e geográficas, tendo como princípio a misericórdia de Jesus” (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2025, seção 3.4). Essa orientação do Programa Missionário Nacional interpela nossas escolhas: a quem dedicamos tempo? Onde investimos nossos recursos? Quem participa das decisões? A opção pelos pobres precisa ganhar expressão concreta na organização e na vida da comunidade.

Nas ruas e nas moradias ameaçadas, entre pessoas migrantes e famílias atingidas pelo desemprego, há vidas esperando reconhecimento e direitos. Povos indígenas e comunidades quilombolas enfrentam violações que ferem seus territórios e suas culturas. Pessoas privadas de liberdade e seus familiares carregam estigmas que dificultam vínculos e recomeços. A missão pede presença nessas realidades, com respeito às suas histórias e às iniciativas que nelas já sustentam a vida.

Esse olhar precisa alcançar também idosos sem companhia, pessoas com deficiência que encontram barreiras, crianças privadas de alimento e proteção, jovens cujas possibilidades são estreitadas pela violência e pelo trabalho precário. A exclusão digital agrava dificuldades para estudar, conseguir emprego e acessar serviços. Ao advertir sobre o silenciamento dos pobres no ambiente digital, Leão XIV amplia nossa responsabilidade missionária também para esse espaço (Leão XIV, 2026, n. 2).

O compromisso profético amadurece quando o cuidado imediato se une à transformação das condições que produzem sofrimento. A partilha do alimento chama à responsabilidade diante da fome; a acolhida de uma família sem teto compromete o direito à moradia. Em



articulação com as pastorais sociais e as organizações dos territórios, a comunidade pode apoiar caminhos construídos pelas próprias pessoas afetadas. Seus saberes, sua fé e sua capacidade de organização devem participar do discernimento e da ação.

Quem ainda precisa esconder sua dor entre nós? Quem recebe ajuda, mas nunca é ouvido nas decisões? De quem precisamos nos aproximar e a quem devemos pedir perdão? Essas perguntas alcançam a fidelidade de nossa vida ao Evangelho. Romper a invisibilidade é assumir relações nas quais cada pessoa seja reconhecida, ouvida e respeitada. A Igreja se torna sinal profético do Reino quando o amor que anuncia pode ser experimentado por quem mais sente sua falta.

REFERÊNCIAS:

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada: tradução oficial da CNBB. Brasília, DF: Edições CNBB, 2018.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Programa Missionário Nacional: versão atualizada e ampliada em 2025. [S. l.]: CNBB, 2025. Documento de trabalho enviado à Equipe Executiva do COMINA em 15 jun. 2025.

LEÃO XIV, Papa. Mensagem do Santo Padre Leão XIV para o X Dia Mundial dos Pobres: “O Senhor é o refúgio do pobre” (cf. Sl 14,6). Vaticano, 13 jun. 2026. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/leo-xiv/pt/messages/poor/documents/20260613-messaggio-giornata-poveri.html>. Acesso em: 23 set. 2026.

SOBRE A AUTORA

**Irmã Eliane Santana é religiosa da Congregação das Irmãs de São José de Chambéry e assessora da Comissão Episcopal para Ação Missionária e Cooperação Intereclesial da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).*

ARTIGO 2

A escuta qualificada aos pobres



Pe. Alfredo Gonçalves*

Partimos de dois pressupostos: por um lado, atualmente a grande maioria da população brasileira habita nas cidades e metrópoles; por outro, as multidões urbanas são surdas, não dispõem de ouvidos atentos ao outro. Tanto menos serão capazes de parar para escutar os pobres e excluídos, os vulneráveis, os diferentes, estrangeiros e “descartáveis”. A cidade corre, tem pressa, não tem “tempo a perder” com ninguém. Quantas pessoas solitárias estão rodeadas de gente. No mundo em que vivemos, multidão rima com solidão.

Uma das primeiras tarefas do verdadeiro agente sociopastoral é justamente a de saber escutar. Não é coisa simples, nem automática. Tampouco é algo que pode ser dado por descontado. A escuta ativa e humanitária tem exigências reais, concretas e, poderíamos dizer, evangélicas. Não raro, qualquer liderança sociorreligiosa presta maior serviço com os ouvidos do que com a boca. Ouvir consiste em abrir a porta do coração para alguém que está necessitado. Se é verdade que as pessoas buscam um olhar, um gesto e uma palavra, com maior razão buscam um ouvido amigo para desabafar os próprios males, culpas e mágoas, aquilo que as perturba.

Essa escuta atenciosa e qualificada baseia-se em critérios bem conhecidos, tais como o silêncio, a empatia, a capacidade de colocar-se no lugar do outro, a prática não de *fazer para*, mas de *fazer com*.

Semelhante escuta pressupõe um silêncio ativo e criativo. Silêncio que se converte em espelho de quem está só, perdido e atormentado. Diante desse espelho, a pessoa é levada a falar, a verbalizar e organizar as próprias ideias. Verbalizar é exorcizar as sombras e os fantasmas do passado, é curar feridas e traumas, administrando melhor as dúvidas e sentimentos.



O silêncio da escuta, por sua vez, requer empatia. Esta ajuda a olhar o problema com os olhos do outro. O que importa aqui não são tanto as respostas que podemos oferecer, e sim o tempo e espaço para que a pessoa possa expressar-se. Nem sempre os pobres nos buscam para encontrar soluções. Muitas vezes, o que mais necessitam é de uma parada e um ouvido onde confiar suas perplexidades. Com isso ajudamos a pessoa a melhor orientar-se em meio à escuridão.

Silêncio e empatia nos conduzem a colocar-se no lugar do outro, do pobre, do necessitado. Neste caso, vale um esforço imaginativo para entrar em sua pele, em seu drama, e juntos tentar encontrar alguma saída. Aqui a tarefa consiste em sair de si mesmo, num grande empenho para assumir o ponto de vista do pobre e abandonado, sem terra, sem teto ou sem trabalho. A partir de seu universo de penúria e carência, procurar refletir conjuntamente, na tentativa de acender alguma luz, por mais tênue que seja.

Os parágrafos acima representam uma prática não de fazer as coisas para ou em lugar do outro, mas em fazer tudo com ele. Não se trata de “apadrinhar” a pessoa ou família, mantendo-a eternamente infantilizada, dependente e à sombra da caridade. Ser amigo ou ser agente sociopastoral não é ser seu “padrinho”, no sentido de sustentar o pobre. É antes ajudar a levantar-se do chão para que possa caminhar com as próprias pernas. Ele deve ser o sujeito, o artífice e o protagonista de seu futuro. Deve tomar as rédeas de seu destino.

Sobre o autor

****Alfredo José Gonçalves**, mais conhecido como padre Alfredinho, é missionário e intelectual scalabriniano, que se dedica especialmente à causa dos migrantes dentro e fora do Brasil.*

ARTIGO 3

Refúgio aos pobres na garantia de seus direitos por moradia



Frei Marcelo Toyansk Guimarães*

Em um mundo corrido, de relações rápidas e impessoais e entre tantos descasos, buscamos um tempo e um espaço para um refúgio, ainda que breve, da luta diária. Depois de um dia de trabalho e cansaço, todos queremos um espaço seguro e acolhedor para nos refugiarmos, por um pouco de tempo, para um descanso, repor as forças e nos animar para continuar a labuta no dia seguinte. E isso fazemos geralmente à noite e em casa!

Mas e os pobres que passam noites em claro, por ter de lidar com uma enchente em casa, de cuidar de um parente enfermo ou mesmo com outros conflitos e descasos? A vida das pessoas, em grande parte, é de duas ou três jornadas e às noites são preenchidas para o cuidado da família e arrumar um pouco a casa. E quando não há uma casa confortável e segura? Mais de 30% dos brasileiros habitam com alguma precariedade, desde a grande precariedade de morar em um barraco, ou na insegurança de um despejo (1% dos brasileiros hoje em ameaça de despejo), ou morando de favor, ou ainda pagando aluguel e comprometendo a renda (“ou come ou paga aluguel”), sem contar quem nem mesmo tem um teto (350 mil em situação de rua no Brasil).

Nesta realidade conhecida de muita gente simples, mas também desconhecida por quem vive em maior abundância, é onde vem habitar Jesus. Ele vive toda a sua vida à margem, sem ter “onde reclinar a cabeça”. Jesus nasce e vive sem tirar nada de ninguém, por isso não vive em um palácio, onde estão quem acumula às custas dos outros. Mos-



tra também que viver na realidade simples e comum é o caminho para todo ser humano. Sem diferenças que separam, mas todos irmãos. Se Jesus nasceu e viveu desprovido e à margem é porque no Reino de Deus todos viveremos sem necessidade de apegos, de muros ou de propriedades a mais, no Reino todos serão por todos e o apoio de todos para com todos será a grande segurança!

E Jesus percorre todos os espaços da sociedade de seu tempo! Desde as relações com os sofredores até o questionamento da realidade injusta de sua época: Hoje é “desculpabilizar os pobres”, “corrigir os preconceitos em relação à população periférica” e “enfrentar criticamente a especulação imobiliária” (CF 2026, nº 174). Desse modo, Jesus nos propõe, no Bom Samaritano, um caminho. Ver e escutar quem sofre é fundamental para sentir sua vida e realidade. Para assim ser sensível e solidário com tantos sem teto e sem direitos e fazer todo o possível para fortalecer e restaurar a vida maltratada e à margem. Por fim, o Samaritano leva o ferido a um local para o restabelecimento completo, e paga por isso. Alguns veem nisso uma alusão às políticas públicas, custeadas com os nossos impostos, as quais devem implementar o direito à moradia, a saúde e a educação de qualidade, o transporte eficiente, o lazer e a cultura, enfim, contribuir para uma vida digna completa.

Neste sentido, somos interpelados a fortalecermos a presença eclesial comprometida nas periferias! Também fortalecermos ações comunitárias junto às realidades mais à margem! E podemos juntos reformar uma moradia de uma senhora idosa, socorrer com mantimentos às famílias numa enchente ou fazer, em mutirão, um escadão na comunidade, mas a construção de uma escola, de uma praça, o saneamento em um bairro, não vão ser feitos por nós, mas têm de ser implementados pelo poder público!

A Jornada Mundial dos Pobres pode ser uma boa oportunidade para sermos presença junto aos mais fragilizados nas periferias, apoiarmos com a empatia e a solidariedade concreta e promovermos rodas de conversa sobre a garantia dos direitos, com a presença de pessoas e organizações, como os movimentos sociais, a Defensoria Pública, entre outros, para encaminhamentos desses direitos fundamentais.



Por fim, apresentamos dois exemplos de mudanças: o breve vídeo sobre o [programa “Moradia Primeiro”](#), em que se busca garantir a moradia a pessoas em situação de rua, junto de uma assistência, com o retorno mínimo às ruas. E a [série de vídeos sobre a autogestão e o programa Minha Casa Minha Vida Entidades](#), no qual a entidade ou a associação popular, depois de um processo minucioso, é cadastrada e aceita para gerenciar o projeto de construção das moradias, com o recurso público, para o grupo de famílias sem moradia. As famílias participam de todo o processo de construção, não há lucro de construtoras, mas há emprego de mão de obra local. E a qualidade das moradias é de muito maior qualidade.



Sobre o autor

**Frei Marcelo Toyansk Guimarães é frade franciscano capuchinho. Formado em teologia e especialista em Bíblia. Atualmente também coordena a Pastoral da Moradia e Favela.*

ARTIGO 4

Minha comunidade eclesial transforma o mundo - Da solidariedade à transformação



Pe. Edson Thomassim*

A solidariedade cristã não termina quando estendemos a mão a quem sofre. Ela começa aí e nos conduz a perguntar: por que existem situações que produzem pobreza, exclusão, fome, violência, falta de moradia, desemprego e tantas outras formas de negação da dignidade humana? A fé que acolhe o pobre é chamada também a transformar as realidades que geram sofrimento.

Jesus não apenas se aproximou dos pobres e marginalizados. Sua presença restaurava a dignidade, rompia muros de exclusão, criava comunidade e anunciava uma vida nova. O Evangelho do Reino de Deus nos convida, portanto, a passar da compaixão à ação, da assistência à organização, do gesto individual à construção coletiva. A missão evangelizadora acontece quando o Evangelho se torna fraternidade, justiça e paz na vida concreta das pessoas e da sociedade.

Uma comunidade que deseja transformar o mundo aprende a escutar os pobres e caminhar com eles, reconhecendo-os não apenas como destinatários de ajuda, mas como sujeitos de sua própria história. Por isso, solidariedade também significa organizar-se, participar, fortalecer redes, defender direitos e ocupar os espaços onde se discutem e constroem políticas públicas. Significa apoiar iniciativas de economia solidária, valorizar o trabalho digno, cuidar da Casa Comum e colaborar com movimentos, pastorais, organizações populares e outras forças comprometidas com a vida.



A transformação social exige participação. Nossa comunidade pode identificar uma realidade concreta do território — a falta de moradia, a fome, o abandono de idosos, a violência, o desemprego, a situação das crianças, das pessoas em situação de rua ou a degradação ambiental — e perguntar: o que podemos fazer juntos? Com quem precisamos caminhar? Que direito precisa ser defendido? Que política pública precisa ser fortalecida?

Assim, a caridade torna-se também compromisso com a justiça. A ação solidária não substitui a responsabilidade do Estado nem se limita a amenizar as consequências da pobreza; ela ajuda a construir caminhos para que a dignidade seja reconhecida e garantida para todas as pessoas.

Transformar o mundo é assumir um compromisso permanente. É fazer da comunidade um espaço onde a fé se torna presença, organização, participação e esperança. É sair de nós mesmos para caminhar com os pobres, aprender com suas lutas e somar forças na construção do bem comum.

Minha comunidade eclesial transforma o mundo quando, junto com os pobres, transforma também a realidade.

Sobre o autor

**Edson Thomassim (Pe. Edinho) é sacerdote da Diocese de Novo Hamburgo (RS). Possui graduação em Filosofia e Teologia e pós-graduação em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo. É educador popular e teatral. Atualmente é assessor da Comissão Episcopal para a Ação Sociotransformadora da CNBB.*

OFÍCIO DIVINO DAS COMUNIDADES

OFÍCIOS DE SÚPLICA

1 CHEGADA

silêncio - oração pessoal

2 ABERTURA

Vem, ó Deus da vida, vem nos ajudar! (bis)
Vem, não demores mais, vem nos libertar! (bis)

Venham, adoremos, a nosso Senhor! (bis)
Ele é o Deus dos fracos, Deus libertador! (bis)

Clamo a ti, Senhor, no meu sofrimento, (bis)
Inclina o teu ouvido, ouve o meu lamento. (bis)

Ó Deus de bondade, Deus consolador, (bis)
Enxuga o nosso pranto, cura a nossa dor. (bis)

Como o guarda espera o raiar do dia, (bis)
Espero o meu Senhor e tú nos alivias! (bis)

Glória ao Pai, e ao Filho e ao Santo Espírito. (bis)
Glória à Trindade Santa, glória ao Deus bendito! (bis)

Aleluia, irmãos, aleluia, irmãos! (bis)
Do povo que padece, tragam louvação! (bis)





3 RECORDAÇÃO DA VIDA

4 HINO

O povo de Deus

pe. Zezinho

O povo de Deus no deserto andava
Mas à sua frente Alguém caminhava
O povo de Deus era rico de nada
Só tinha a esperança e o pó da estrada

***Também sou Teu povo, Senhor
E estou nessa estrada
Somente a Tua graça me basta e mais nada!***

O povo de Deus também vacilava
Às vezes custava a crer no amor
O povo de Deus, chorando, rezava
Pedia perdão e recomeçava.

O povo de Deus também teve fome
E Tu lhe mandaste o pão lá do céu
O povo de Deus, cantando, deu graças
Provou Teu amor, Teu amor que não passa

O povo de Deus ao longe avistou
A terra querida que o amor preparou
O povo de Deus corria e cantava
E nos seus louvores, Teu poder proclamava.



5 SALMO 27(26)

“Se Deus é por nós, quem será contra nós? Nada nos separará do amor que Deus nos deu por meio de Jesus Cristo” (Rm 8,31.35).

No meio das nossas dificuldades e lutas, Deus é a garantia da vitória. Cantemos nossa confiança de que veremos a bondade do Senhor na terra dos vivos.



***O Senhor é minha luz,
Ele é minha salvação.
Que poderei temer?
Que poderei temer?***

O Senhor é minha luz,
ele é minha salvação.
O que é que vou temer?
Deus é minha proteção.
Ele guarda minha vida:
eu não vou ter medo, não. (bis)

Quando os maus vêm avançando,
procurando me acuar,
desejando ver meu fim,
só querendo me matar.
Inimigos opressores
é que vão se liquidar. (bis)

Se um exército se armar
contra mim, não temerei.
Firme está meu coração,
sempre firme ficarei.
Se estourar uma batalha,
mesmo assim confiarei. (bis)

A Deus peço uma só coisa,
sei que ele vai me dar:
habitar na sua casa
todo tempo que eu durar,
para provar sua doçura
e no templo contemplar. (bis)

Ele vai me dar abrigo,
em sua casa vou morar.
Nestes tempos de aflição
sei que vai me agasalhar,





me escondendo em sua tenda,
para na rocha eu me firmar. (bis)

A cabeça eu tenho erguida,
mesmo em meio de inimigos.
Ofereço um sacrifício,
pois livrou-me dos perigos.
Canto hinos com a viola,
o meu salmo a Deus eu digo. (bis)

Ó Senhor, ouve o meu grito
e de mim tem compaixão.
Eu te falo confiante,
firme está meu coração.
Eu procuro é tua face,
não me tires tua visão. (bis)

Em tua ira não me enxotes.
Só tu podes me ajudar.
Não me deixes enfeitado,
vem, Senhor, me segurar.
Se meus pais me abandonarem,
sei que vens me agasalhar. (bis)

Vem, me ensina teus caminhos
e me mostra a boa estrada.
Me protege do inimigo
que só pensa coisa errada.
Falsidade estão tramando,
tenho a vida amargurada. (bis)

Sei que eu hei de ver, um dia,
a bondade do Senhor:
lá, na terra dos viventes,
Viverei no seu amor.
Espera em Deus! Cria coragem!
Espera em Deus que é teu Senhor! (bis)



Glória ao Pai que nos acolhe,
glória a Cristo Salvador.
Igualmente demos glória
ao Espírito de amor.
Deus é Mãe que nos consola,
cantaremos seu louvor. (bis)

6 LEITURA BÍBLICA

Mateus 6,25-34

7 MEDITAÇÃO

silêncio - partilha - refrões

8 PRECES

Do fundo de nossa miséria e de nossa angústia, supliquemos ao Senhor que tudo pode:

Ouve, Senhor, eu estou chamando, tem piedade de mim e me responde!

Herodes te perseguiu, Senhor Jesus, quando ainda eras criança. Olha a nossa situação e tem piedade de nós.

Com choro e lágrimas, através do sofrimento, aprendeste a ser fiel ao Pai até o fim. Ajuda-nos a enxergar sua vontade e confiar em seu amor.

Prometeste novo céu e nova terra, sem luto, nem choro, nem morte. Mantém viva em nós esta esperança.

Preces espontâneas...



Pai-Nosso

Oração Final

Senhor, Deus dos aflitos, ouve nossos pedidos e orações. Tem piedade de nós! Vem em nosso socorro! Sustenta-nos neste momento de sofrimento. Transforma nossas lágrimas em alegria e dá-nos a graça de permanecermos fiéis em teus caminhos. Por Cristo nosso Senhor. Amém.

9 BÊNÇÃO

O auxílio de Deus, terna compaixão, nos sustente em nossas aflições, agora e para sempre. **Amém.**

Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo.

Para sempre seja louvado!

Vamos em paz e que o Senhor nos acompanhe!

Graças a Deus!

ENCONTRO COM OS POBRES

1 Chegar

Não chegar apenas para “realizar uma atividade”, mas para encontrar pessoas.

2 Acolher

Criar um ambiente de respeito e fraternidade.

3 Rezar

Breve oração:

Deus de misericórdia, Tu és o refúgio dos pobres. Ensina-nos a reconhecer teu rosto em cada pessoa que encontramos. Dá-nos um coração capaz de escutar, mãos dispostas a servir e coragem para transformar aquilo que produz pobreza e exclusão. Que nossas comunidades sejam casa, refúgio, mesa e esperança. Amém.

4 Escutar

Perguntar:

O que você gostaria que nossa comunidade soubesse sobre sua realidade?

5 Partilhar

Realizar uma ação concreta de convivência.

6 Comprometer-se

Definir um compromisso possível para seguir em ação depois da Jornada Mundial dos Pobres.



SUGESTÕES DE GESTOS CONCRETOS

A Jornada Mundial dos Pobres pode ser uma oportunidade para a comunidade cristã **não apenas realizar ações para as pessoas pobres, mas encontrá-las, escutá-las e construir respostas com elas**. Essa é, inclusive, a mudança de perspectiva muito forte na proposta de 2026. Pensando em gestos **simples, concretos e possíveis para paróquias e comunidades**, sugerimos:

Mesa compartilhada: organizar café da manhã, almoço ou jantar comunitário. Sentando todos à mesma mesa, evitando a lógica de “servir comida aos pobres”, com os pobres de um lado e voluntários do outro.

Dia da escuta: abrir a igreja ou o salão paroquial para ouvir pessoas em situação de pobreza: *“O que está mais difícil hoje?” “Do que você precisa?” “O que nossa comunidade poderia fazer junto com vocês?”*. O próprio projeto insiste em não falar sobre os pobres sem falar com eles.

Visitas onde as pessoas estão: organizar pequenos grupos para visitar ocupações, periferias, população em situação de rua, famílias isoladas, idosos, migrantes, pessoas privadas de liberdade e famílias que vivem situações de grande vulnerabilidade.

Mutirão de documentação e direitos (parceria com o poder público): reunir voluntários e parceiros para orientar sobre documentos, benefícios sociais, previdência, acesso à saúde, educação, moradia e outros direitos através do Cadastro Único.

Mutirão de cuidado: corte de cabelo, banho, higiene, roupas limpas, lavanderia, cuidados básicos de saúde e encaminhamentos para serviços públicos — sempre preservando a dignidade e a autonomia das pessoas.



Cuidar concretamente de uma casa: identificar, junto à comunidade, uma família que esteja vivendo em moradia muito precária e organizar um mutirão para pequenos reparos, pintura, telhado, instalação elétrica ou hidráulica.

“Nenhuma família com fome”: identificar situações de insegurança alimentar no território e organizar uma rede permanente de apoio, indo além de uma campanha pontual de cesta básica.

Geladeira, despensa ou cozinha solidária: criar ou fortalecer uma iniciativa comunitária permanente de acesso à alimentação.

Horta comunitária ou quintal produtivo: disponibilizar terreno da paróquia ou de parceiros para produção coletiva de alimentos, envolvendo as próprias famílias.

Feira de economia solidária: abrir o espaço da igreja para artesãos, catadores, agricultores familiares, cozinheiras, costureiras e outros trabalhadores comercializarem diretamente seus produtos.

Currículo e trabalho: promover um pequeno mutirão para elaboração de currículos, acesso à internet, cadastro em oportunidades de emprego e orientação profissional.

Acolhida a migrantes e refugiados: organizar apoio com documentação, língua portuguesa, trabalho, alimentação, moradia provisória e integração comunitária.

Mapa da pobreza do território: a própria comunidade pode caminhar pelo bairro e identificar onde estão situações de fome, moradia precária, desemprego, população de rua, idosos abandonados e outras vulnerabilidades. Não para produzir estatística, mas para perguntar: *“Quem está à nossa porta e ainda não estamos enxergando?”*.

Assembleia com as pessoas pobres: talvez um dos gestos mais fortes. Convidá-las não para assistir, mas para falar. Perguntar: *“Se vocês pudessem indicar três mudanças necessárias neste território, quais seriam?”*.

Assumir uma causa depois da Jornada: cada paróquia escolher, junto com as pessoas escutadas, um compromisso concreto para os próximos 12 meses (até a próxima jornada): moradia, fome, trabalho, população de rua, idosos, crianças, migrantes, saneamento, documentação, etc.



AÇÕES DAS PASTORAIS SOCIAIS, REDES E COLETIVOS SOCIOTRANSFORMADORES

A partir do slogan **“Minha comunidade eclesial transforma o mundo”**, convidamos cada pastoral social, rede e grupo a assumir uma ação concreta em favor da vida e da dignidade dos pobres. As iniciativas apresentadas a seguir expressam diferentes formas de tornar a fé uma ação transformadora. Cada pastoral poderá adaptar a proposta à sua realidade e somar forças com outras organizações, serviços públicos e iniciativas comunitárias.

Nossa sugestão é que cada pastoral social possa assumir uma ação concreta. Exemplos:

Pastoral da Moradia e Favela

Minha comunidade eclesial transforma o mundo defendendo o direito à moradia.

Pastoral Carcerária

Minha comunidade eclesial transforma o mundo rompendo os muros da invisibilidade.

Pastoral da Criança

Minha comunidade eclesial transforma o mundo cuidando da vida desde a infância.

Pastoral da Terra

Minha comunidade eclesial transforma o mundo defendendo a terra e os territórios.



Pastoral dos Migrantes

Minha comunidade eclesial transforma o mundo acolhendo quem chega.

Pastoral do Povo da Rua

Minha comunidade eclesial transforma o mundo tirando pessoas da invisibilidade.

Pastoral Operária e mundo do trabalho

Minha comunidade eclesial transforma o mundo defendendo trabalho e salário dignos.

Pastoral da Saúde

Minha comunidade eclesial transforma o mundo cuidando de quem sofre.

O modelo pode ser seguido por outras pastorais, redes, organismos, coletivos e grupos em atividades durante a semana que integra a Jornada Mundial dos Pobres ou como ação prolongada até o ano seguinte.

COMUNICAR A JMP

Sugerimos abaixo algumas ações de comunicação que podem ser organizadas pela arquidiocese, diocese, paróquia, comunidade, grupo, para mobilizar e dar visibilidade à X Jornada Mundial dos Pobres (JMP) no Brasil.



1. Campanha de mídia social: Incentivar as pessoas a compartilhar suas experiências, ações e reflexões sobre a pobreza e a solidariedade. Isso pode incluir fotos, vídeos e depoimentos. Use em suas postagens as hashtags #XJMP #JMP2026 #DiaMundialdosPobres



2. Produção de conteúdo: Desenvolver vídeos e artigos que abordem as causas da pobreza, histórias de vida de pessoas em situação vulnerável e relatos de iniciativas bem-sucedidas lideradas pela Igreja. Compartilhar esse conteúdo em blogs, plataformas de vídeo e redes sociais.



3. Webinars palestras: Organizar eventos online com especialistas, líderes comunitários e representantes da Igreja para discutir as causas da pobreza e soluções. Isso pode incluir sessões de perguntas e respostas para envolver a audiência.



4. Materiais de divulgação: Produzir panfletos, cartazes e banners que expliquem o significado do Dia Mundial dos Pobres, que divulgue as ações da sua paróquia ou comunidade. Distribuí-los em comunidades, paróquias e espaços públicos. **Sempre utilize a logomarca e a identidade visual para esta edição da JPM aqui disponibilizadas** para darmos unidade a esta mobilização nacional.





5. Parcerias com mídia local: Colaborar com jornais, rádios e canais de TV locais para divulgar a Jornada, destacando a importância da ação social da comunidade católica, da Igreja no combate à pobreza.



6. Testemunhos e entrevistas: Incentivar pessoas que participaram de ações solidárias a compartilhar seus testemunhos em diferentes mídias. Isso pode ajudar a humanizar a questão da pobreza e mostrar o impacto das ações da Igreja.



7. Desafios comunitários: Criar desafios nas redes sociais que incentivem as pessoas a realizar ações de solidariedade, como doações, voluntariado ou organização de eventos comunitários. As pessoas podem compartilhar suas experiências usando a hashtag da campanha.



8. Apoio aos influenciadores: Engajar influenciadores locais para falar sobre a Jornada e as causas da pobreza, ajudando a alcançar um público mais amplo e diversificado.



9. Eventos Presenciais: Organizar eventos comunitários, como caminhadas, feiras de solidariedade ou almoços beneficentes, que possam atrair a atenção da mídia e incentivar a participação da comunidade.

Essas ações podem ajudar a aumentar a conscientização sobre a pobreza e destacar o papel ativo da Igreja na promoção da solidariedade e transformação social. Importante destacar que não devem ser uma responsabilidade exclusiva de quem atua neste campo como comunicador/a popular, jornalista ou assessor/a de comunicação, mas do conjunto das pastorais e grupos, com planejamento e organização das tarefas.

A Cepast-CNBB vai oferecer alguns materiais para redes sociais que podem ser acessados neste drive e podem ser postados nos perfis institucionais ou individuais: **Peças para redes sociais e identidade visual**



Uma abençoada Jornada!

EXPEDIENTE

Comissão Episcopal para Ação Sociotransformadora da
Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (Cepast-CNBB)

PRESIDENTE:

José Valdeci dos Santos Mendes
Bispo de Brejo (MA)

BISPOS REFERENCIAIS:

Dom José Ionilton de Oliveira
Bispo da Prelazia do Marajó (PA)

Dom Limacêdo Antônio da Silva
Bispo da Diocese de Afogados da Ingazeira (PE)

Dom José Reginaldo Andrietta
Bispo da diocese de Jales (SP)

Dom Geremias Steinmetz
Arcebispo de Londrina (PR)

Dom João Aparecido Bergamasco
Bispo de Primavera do Leste – Paranatinga (MT)

ASSESSORIA NACIONAL:

Alessandra Miranda
Padre Edinho Thomassim

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO:

Cláudia Pereira
Juce Rocha

Acesse nosso site
e nossas redes



www.cepastcnbb.org.br



@cepastcnbb



Comissão Episcopal
para a Ação
Sociotransformadora



Jornada
Mundial
dos Pobres